

PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES ETNICO-RACIAIS: O OUTRO NO AMBIENTE ESCOLAR.

Jose Roberto Serra Martins y Ana Cecilia Cossi Bizon.

Cita:

Jose Roberto Serra Martins y Ana Cecilia Cossi Bizon (Diciembre, 2017). *PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES ETNICO-RACIAIS: O OUTRO NO AMBIENTE ESCOLAR*. XXXI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. Asociación Latinoamericana de Sociología, Montevideo.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/cirujanoplastico/15>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/p3zT/C50>



Esta obra está bajo una licencia de Creative Commons.
Para ver una copia de esta licencia, visite
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.es>.

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

**PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES ETNICO-RACIAIS:
O OUTRO NO AMBIENTE ESCOLAR**

José Roberto Serra Martins

serra@ifsp.edu.br

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Brasil

Ana Cecilia Cossi Bizon

ceciliabizon@gmail.com

Universidade Estadual de Campinas
Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMO

Neste trabalho, marcadores sociais da diferença (MSD) serviram como chave interpretativa visando problematizar a (des)construção de identidades e diferenças, bem como de conceitos e preconceitos em ambiente escolar, necessariamente perpassados por relações ideológicas e de poder. Em uma sala de aula, composta por alunos do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública do sudeste brasileiro, discutiram-se noções relativas às identidades e diferenças, propondo-se aos estudantes realizar uma atividade sobre a imagem dos cientistas frequentemente apresentada por diferentes veículos de comunicação e embasada em percepções do senso comum. As respostas dadas pelos estudantes foram compiladas e analisadas. Marcadores sociais foram construídos, baseando-se na postura apresentada pelos estudantes frente ao resultado inesperado da atividade. Os MSD constituem importante ferramental para refletir sobre: relações étnico-raciais, relações de poder e ideológicas na fixação de identidades, injustiças sociais, e papel das ciências na escola.

ABSTRACT

In this work, social markers of difference (SMD) served as an interpretative key, aiming at problematizing the (dis)construction of identities and differences, as well as the concepts and prejudice in school, necessarily pervaded by ideological and power relations. In a classroom, composed of students in their first year of a public southeast Brazilian high school, we discussed notions regarding identities and differences, suggesting that students performed an activity about the scientist's image portrayed by different means of communication and also supported by perceptions of common sense. The answers given by students were compiled and analyzed. Social markers were constructed, based on the posture presented by the students about the unexpected result of the activity. The SMD constitute an important tool to reflect on: ethnic-racial relations, power and ideological relations in the setting of identities and social injustices, and the role of sciences in school.

Palavras chave

Marcadores sociais da diferença; Relações étnico-raciais; Educação.

Keywords

Social markers of difference; Ethnic-racial relations; Education.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

I. Introdução

Nas últimas décadas, no âmbito das Ciências Sociais, ganhou destaque um campo de estudos baseado nos Marcadores Sociais da Diferença (MSD), os quais se voltam à discussão de questões étnico-raciais, de gênero e de sexualidade, dentre outras que perpassam as práticas sociais. Na Universidade de São Paulo, o Núcleo de Estudos sobre Marcadores Sociais da Diferença – NUMAS – realiza estudos sobre os marcadores sociais e focaliza a produção social da diferença por meio da articulação de categorias, tanto do ponto de vista da configuração de sistemas de classificação social, como de corpos e identidades coletivas (Caires, 2010).

Segundo Zamboni (2014, p.13), os marcadores sociais são definidos como “sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais”. A principal meta dos marcadores seria explicar a constituição social das desigualdades e das hierarquias nos diferentes espaços de práticas sociais, inclusive no ambiente de trabalho, analisando o modo pelo qual as diferenças se relacionam. É de se esperar, portanto, que pesquisas nessa área estejam baseadas em uma análise multidimensional das diferenças, ou seja, que ao ponderar sobre problemas de cunho racial não se apaguem as vicissitudes relacionadas a gênero ou às condições de trabalho, por exemplo.

Dois significativos aspectos relativos aos marcadores sociais merecem destaque: (i) por serem sistemas de classificação, encontram-se intimamente ligados às relações de poder; (ii) as diferenças são socialmente construídas, sendo dependentes do contexto espaço-temporal em que se inserem.

Um indivíduo se identifica com (e se diferencia de) outros de muitos modos e esses modos estão sempre implicados em relações de poder, ideologias e hierarquias (re)construídas dentro das práticas sociais. Características comuns a certos membros de um grupo podem causar a sensação de pertencimento, ao mesmo tempo em que podem gerar discriminação e exclusão a outros membros. Compreender como as identidades e diferenças são construídas e reificadas dentro das práticas sociais é um compromisso político que deveria permear a sala de aula comprometida com uma educa-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

ção que vise à construção de relações não hegemônicas e à consequente emancipação dos sujeitos sociais.

Nesse âmbito teórico, este trabalho tem como objetivo relatar uma experiência de pesquisa realizada em uma sala de aula de Ensino Médio de uma escola pública do interior de São Paulo, cujo foco central foi problematizar com os alunos as implicações político-ideológicas da fixação de identidades em nossas práticas sociais, a partir de diferentes compreensões do que pode vir a ser “fazer ciência” e “ser cientista”. Para isso, uma atividade baseada em MSD, que será descrita detalhadamente na seção de Metodologia, foi elaborada, aplicada em aula e, posteriormente, discutida com os alunos. Essa atividade é a base de nossas reflexões acerca da importância de conceber a sala de aula como espaço basilar para uma prática meta-reflexiva de ensino-aprendizagem (Schön, 1992) que coloque continuamente em discussão a construção das diferenças e desigualdades, de modo a poder criar resistências às identidades impostas e a outras possibilidades de identificação (Moita Lopes, 2006).

II. Marco teórico (MSD e Pedagogia da Diferença – uma aproximação possível)

Cada ser humano compartilha, com outros, construções identitárias, ao mesmo tempo em que estabelece diferenças (Moutinho, 2004). As características dessas identidades estão, amiúde, associadas às relações de poder e aos sistemas de dominação mais amplos, responsáveis pela (re)produção das desigualdades. A elaboração dos marcadores sociais visa refletir sobre essas questões (Zamboni, 2014).

Ainda é bastante vigente a ideia, a partir do senso comum ou do conhecimento cotidiano, de que diferenças e desigualdades são da ordem da “natureza humana”. Contudo, ambas são produto das relações estabelecidas socialmente e podem refletir os conflitos de interesses de alguns grupos/indivíduos em relação a outros, alçando alguns a lugares de privilégio e dominação e outros a lugares de privações e opressão (Santos, 2001).

Historicamente, o século XX apresentou conflitos de interesses que vão muito além da luta de classes. Além da classe social, ganharam luz as diferenças de gênero, de orientação sexual, além das diferenças geracionais e étnico-raciais. As mulheres – sobretudo desde o século XIX – e os jo-



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

vens, negros e minorias sexuais – a partir da década de 1960 – passaram a demonstrar, coletivamente, seus posicionamentos frente aos atos de opressão. Exemplarmente, no período posterior à Segunda Guerra Mundial, fundamentalmente os negros estadunidenses demonstraram sua força nas lutas pelos direitos civis em seu país, bem como pelo fim do racismo.

Dentre os muitos marcadores sociais da diferença que incidem sobre a construção das desigualdades, neste trabalho, focalizamos a questão das relações étnico-raciais.

II.1 Desigualdades

A construção de desigualdades a partir de diferenças étnicas faz-se presente desde tempos imemoriais, emergindo como decorrência da opressão exercida por grupos que guerreavam entre si e ampliando-se pela vitória de um dos grupos envolvidos no conflito. Considerando algumas das campanhas de guerra envolvendo impérios da Idade Antiga, constatamos que, em geral, os vencedores, submetiam povos inteiros à escravidão ou exigiam que estes pagassem tributos visando ressarcir o que havia sido gasto na guerra e/ou prover meios que auxiliassem na manutenção da hierarquia pós-vitória.

Em determinadas sociedades, a luta de povos e etnias oprimidas marcou época. Contudo, pode-se afirmar que esta luta se perpetua até os dias atuais, constituindo um dos pilares para a manutenção do sistema capitalista. A opressão consiste frequentemente em sufocar costumes, hábitos sociais e, por conseguinte, tentar relegar a língua, a religião, a cultura e a história do grupo dominado ao mais baixo patamar, forçando mesmo sua extinção em curto ou médio prazos.

Em determinadas situações, o grupo dominante explora economicamente o grupo oprimido por meio de discriminações que se expandem até o mercado de trabalho. Como consequência, a opressão provoca reações que envolvem lutas por um novo regime de governo ou pela autodeterminação dos povos. O nacionalismo de povos oprimidos (como no caso dos palestinos) e a autoestima dos negros brasileiros não podem ser confundidas com o tipo de nacionalismo que oprime ou com o racismo às avessas, uma vez que estes são também opressores por legitimarem a dominação de um grupo (ou nação) sobre os que não são reconhecidos como hegemônicos.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Se voltarmos à questão do mercado de trabalho, podemos entender que a diferença salarial entre indivíduos – que recebem salários diferentes pelo mesmo serviço, apesar de possuírem a mesma qualificação profissional – também decorre de fatores que originam essa situação, ou seja, das diferenças de etnia, gênero, classe social, orientação sexual e de geração. São essas diferenças entre indivíduos que se transformam, nas relações sociais, em desigualdades.

No que tange à educação formal, concordamos com Silva (2014) quando este afirma que a escola atual reproduz e valoriza a identidade hegemônica, o que estimula a discriminação e a segregação, promovendo a exclusão dos ‘diferentes’: indivíduos que não estão dentro dos padrões considerados socialmente aceitáveis pelo pensamento prevalente construído como superior.

II.2 Por uma Pedagogia da Diferença

Para Silva (2014, p. 96), “a questão da identidade, da diferença e do outro é um problema social ao mesmo tempo que é um problema pedagógico e curricular”. O autor propõe quatro diferentes estratégias pedagógicas para lidar com as diferenças: liberal, terapêutica, terapêutico-liberal¹ e política (pós-estruturalista). Como alternativa para o enfrentamento desse problema, Silva propõe a Pedagogia da Diferença, a qual se apoia na perspectiva política (pós-estruturalista).

A seguir, descrevemos brevemente cada uma das estratégias.

1. Liberal

Conforme propõe Silva (2014), essa estratégia estimula a boa vontade para com a ‘diversidade’ cultural. Segundo o autor, a ‘natureza’ humana apresenta uma variedade de formas de expressão cultural, as quais devem ser respeitadas ou toleradas. Defende-se a ideia de que a diversidade cultural expressa nossa natureza humana comum, ao asseverar que “nada que é humano lhe é estranho”. Nessa abordagem, deixa-se de questionar as relações de poder e os processos de diferenciação que produzem a identidade e a diferença.

¹ Esta denominação é de nossa total responsabilidade; Silva (2014) afirma tratar-se de uma “estratégia intermediária”.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

2. Terapêutica

Segundo Silva (2014), esta abordagem aceita o fato de toda diversidade ser ‘natural’ e boa, mas atribui a rejeição da diferença e do outro a distúrbios psicológicos. A incapacidade de conviver com a diferença é fruto de sentimentos de discriminação e de imagens distorcidas do outro.

Para o autor, a sala de aula serviria como importante local para o desenvolvimento de atividades, que objetivassem a mudança atitudinal. Desse modo, tanto a discriminação quanto o preconceito seriam atitudes psicológicas inapropriadas e passíveis de correção.

3. Terapêutico-liberal

Trata-se da visão mais comum ao ambiente escolar, sendo caracterizada por apresentar, de modo superficial, as culturas. O outro aparece como “curioso” e “exótico”. Esta abordagem não questiona as relações de poder na produção das identidades e diferenças culturais; pelo contrário, reforça-as por meio das categorias da curiosidade e do exotismo, sendo a apresentação do outro sempre distante, tanto no espaço quanto no tempo, para não haver risco de confronto

4. Política/Pós-estruturalista

Para Silva (2014), a discussão da identidade e da diferença devem ser encaradas como uma produção social. Entre as perguntas fulcrais, destacam-se: Como identidade e diferenças são produzidas? Que mecanismos e instituições estão envolvidos na criação e/ou fixação da identidade?

Segundo esta estratégia, é insuficiente tolerar diferenças. Deve-se, acima de tudo, discutir como elas são produzidas. Assim, uma política pedagógica/curricular da diferença teria de ir além das declarações de ‘boa vontade’ para com as diferenças, focalizando-as e discutindo as questões ideológicas e de poder em jogo na construção e fixação das identidades.

III. Metodología

Pesquisas pautadas pelos MSD dependem, em primeira instância, da escolha feita pelo pesquisador sobre os critérios de organização dos indivíduos. Assim, identificar certos indivíduos e classificá-los em determinadas categorias sociais são atos políticos. Para destacar a relevância do



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

papel dos MSD foi elaborada uma atividade, a qual partiu da discussão desses próprios marcadores sociais da diferença. Ao utilizá-los, os alunos deveriam compreender que as diferenças não são estanques e que preconceitos não são mutuamente excludentes.

Assim, escolheu-se uma sala do primeiro ano do Ensino Médio de uma escola pública federal do interior paulista. Os estudantes, em aulas anteriores, foram apresentados às noções de identidade e diferença. Em seguida, trabalhou-se a atividade proposta², em que se solicitava a: (i) leitura da biografia de um(a) cientista; (ii) escolha de uma das fotografias expostas como indicativa do(a) biografado(a); (iii) problematização das escolhas com os estudantes. A seguir, encontra-se a atividade citada:

Atividade

1. Leia a seguinte biografia:

Grande cientista da história americana. Nasceu em 1864, especializou-se em Botânica e Agronomia. Auxiliou agricultores ao pesquisar técnicas de cultivo de plantas como batata-doce e amendoim. Descobriu o corante vegetal índigo blue, fundamental para a indústria têxtil americana, que passou a utilizá-lo no processo de tingimento das calças de algodão grosso (jeans).

2. Agora, analise as quatro fotos abaixo e responda: A quem pertence a biografia lida? Justifique sua escolha.



(A)



(B)



(C)



(D)

² Atividade adaptada da obra de Carnevalle (2014).



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análise e discussão dos dados (Os estudantes se posicionam frente às diferenças)

A imagem C, preferida pelos alunos, obteve 18 votos, seguida pela imagem B, com 09 votos. As imagens A e D receberam, respectivamente, 04 e 02 votos. Curiosos para saberem qual seria a alternativa correta, os estudantes se mostraram surpresos quando informamos que não se conhece o nome das pessoas que aparecem nas fotografias B, C e D. A fotografia A é do cientista George Washington Carver [1864-1943].

A atividade suscitou importantes questões: O que significa criar classificações para o outro? Como construímos nossas representações sobre o outro? A discriminação pode gerar injustiças?

Com base nos diferentes posicionamentos assumidos pelos estudantes frente ao resultado inesperado da atividade, foi possível mapear quatro grupos distintos de respostas dos alunos, que se encaixaram com propriedade às estratégias pedagógicas descritas por Silva (2014, pp.96-98):

- *Grupo 1: Estratégia Liberal*

Nenhum estudante indicou a opção A. Os estudantes afirmaram que haviam sido injustiçados e induzidos ao erro, pois a atividade não possuía um título e, portanto, não havia como saberem que se tratava do homem negro. Conforme relataram, a incapacidade de conviver com a diferença derivava de sentimentos preconceituosos, discriminatórios e relacionados a estereótipos.

- *Grupo 2: Estratégia Terapêutica*

Nenhum estudante indicou a opção A. Os discentes reconheceram o fato de todas as pessoas representadas nas imagens serem portadoras de inteligência. Concordaram que haviam mostrado certa intolerância e preconceito racial, mas que isso só comprovava o fato de que “nada que é humano, é estranho”. Nas palavras de um dos estudantes, “(...) apesar de os negros serem dotados de inteligência, nunca imaginaríamos que um homem negro pudesse ter condição de chegar tão longe como cientista, uma vez que as sociedades do século XIX pareciam ser mais preconceituosas do que as atuais”.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

- *Grupo 3: Estrategia Terapêutico-Liberal*

Apenas um estudante indicou a opção A. Os estudantes deste grupo afirmaram que a atividade era interessante por mostrar uma visão diferente sobre o preconceito racial (e de gênero). Para eles, a imagem de Carver estava associada muito mais ao exótico do que ao científico. O estudante que indicou a opção A justificou tê-la escolhido justamente por, na sua percepção, o científico e o exótico estabelecerem uma relação muito próxima, já que “ser cientista” sempre soa como algo “fora do comum”.

- *Grupo 4: Estrategia Política/Pós-estruturalista*

Três estudantes indicaram a opção A. Eles afirmaram que sua escolha poderia ter sido influenciada por seu julgamento, mas que os novos conhecimentos mobilizados durante aulas teóricas sobre o assunto os auxiliaram a decidir sobre a questão.

V. Conclusões

Dos quatro grupos analisados, apenas o último foi capaz de estabelecer relações entre o conteúdo da aula ministrada e a atividade proposta. Esse grupo percebeu que identidades e diferenças são construções sociais, assim como a imagem que as pessoas fazem dos cientistas (do outro). Essa atividade indicou que os marcadores não somente são capazes de visibilizar as diferenças como também podem auxiliar no trabalho sobre as diferenças dentro de nossas práticas sociais, em ambiente escolar e profissional.

Tornar possível uma pedagogia desvinculada da ideia de mérito e inserida no âmbito da justiça social é um desafio. A superação desse desafio poderá ocorrer na medida em que se estabelecer uma prática de ensino pautada em demandas sociais, em que as questões étnico-raciais, de gênero, dentre outras, sejam compreendidas e respeitadas. Só por meio dessa construção coletiva será possível reduzir as desigualdades.

Esses seriam os primeiros passos na direção de uma Pedagogia das Diferenças pautada em: (1) problematizações dos saberes, estimulando os estudantes a explorar as possibilidades de perturbação, transgressão e subversão das identidades; e (2) questionamentos do poder em suas múltiplas



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

formas, uma vez que a posse sobre a representação determina quem será hegemônico, inclusive para estabelecer e fixar identidades.

E por que utilizar os marcadores sociais da diferença na escola? Como afirma a professora Heloisa Buarque de Almeida (*apud* Caires, 2010), todas as diferenças são construídas socialmente, mas são tratadas como se fossem “naturais”. Os Marcadores Sociais da Diferença, baseados em categorias fundamentais da Sociologia, podem atuar como importante instrumento educacional no desenvolvimento de um processo de ensino-aprendizagem meta-reflexivo. Meta-reflexão fundamental para a compreensão de que identidades/identificações nunca são construções neutras, mas sempre perpassadas por relações político-ideológicas e de poder. A sala de aula que se proponha a discutir essas relações pode se constituir em espaço de resistência a injustiças e de construção de vivências mais solidárias e emancipatórias.

VI. Bibliografía

Caires, L. (2016). *Núcleo estuda os marcadores sociais da diferença*. Agência de notícias USP. Recuperado em 7 de maio de 2016 de <http://www.usp.br/agen/?p=15350>.

Carnevalle, M. R. (2014). *Projeto Araribá Ciências* (4ª ed.). São Paulo: Moderna

Martins, J. R.S. (2014). *Controvérsias e problematização do ensino de Geociências*. Tese de Doutorado em Ciências. Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, Brasil.

Moita Lopes, L. P. (2006). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Ed.

Moutinho, L. (2004). Condenados pelo desejo? Razões de estado na África do Sul. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 19(56), 95-112.

Santos, M. (2001). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record.

Schön, D. A. (1992). Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, A. (org.). *Os professores e sua formação*. Lisboa: Dom Quixote.

Silva, T. T. (2014). A produção social da identidade e da diferença. In: Silva, T.T. (org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. (pp. 73-102). Petrópolis: Ed. Vozes.

Zamboni, M. B. (2014). Marcadores Sociais da Diferença. *Sociologia – Grandes temas do conhecimento*, v. 1, 14-18. (Especial Desigualdades).